

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FEBROS. UMA RELÍQUIA LEXICAL ZONÍMICA LATINA.

PIEL, Joseph M.

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

PIEL, Joseph M., Febros. Uma relíquia lexical zoonímica latina. *Revista de Guimarães*, 78 (3-4) Jul.-Dez. 1968, p. 327-334.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Febros: uma relíquia lexical zoonímica latina

Por JOSEPH M. PIEL

κάστρος φέρουσι μὲν οἱ ποταμοί,
τὸ δὲ κάστρον οὐκ ἔχει τὴν αὐτὴν
δύναμιν τῷ Ποντικῷ.

(Estrabão, Geografia, III, 4, 15)

Sabido é que não raro um nome de lugar, de significação à primeira vista impermeável, se revela, numa análise mais aguda, como sendo o último refúgio de um antigo nome comum, o qual no decorrer dos séculos, e por motivos que variam segundo os casos, se foi extinguindo. Sendo esta observação válida para um considerável número de elementos lexicais pré-latinos (celtas e outros), não deixa de sê-lo — mesmo abstraindo de termos portugueses ainda viçosos na Idade Média, mas hoje desaparecidos — em relação a certos elementos do próprio primitivo vocabulário latino, seja de tipo comum-literário, seja de tipo vulgar-regional. Julgamos que o repetido topónimo *Febros* se presta de modo particular a uma demonstração deste género.

Existem no noroeste de Portugal vários rios e várias terras chamados *Febros*, nome de que já se ocuparam o Dr. Arlindo de Sousa e o P.^e Domingos A. Moreira, que ambos lhe atribuem, embora sob reserva, uma significação primária hidronímica: o primeiro, a geral de ‘corrente de água’, ‘arroio’ (1), o segundo, uma acepção

1. Num substancial estudo intitulado *Povoamento medieval de Entre Douro e Vouga. Fontes toponimicas*, e publicado no *Bol. Mensal da Soc. da Língua Portuguesa*, vol. XII, 1961, pp. 242-300, 321-371, onde se lê a pág. 298: «*Fibrus* significa ‘corrente de água; arroio’.»

relacionada com um tema indo-europeu, aparentado com o lat. FEBRUUM 'limpeza, purificação', FEBRUARE 'purificar' e (MENSIS) FEBRUARIUS (2). Ora, se não sofre dúvida que a esmagadora maioria dos nomes dos rios europeus remontam a um passado linguístico pré-romano, integrando-se no conceito de «antigo europeu», quer dizer «indo-europeu» privativo de vastas zonas do nosso Continente, na definição de H. Krahe (3), convém no entanto limitar este postulado de princípio aos nomes de rios de certa importância, porquanto os nomes de cursos de água menores se revelam muito mais sujeitos a inovações e flutuações, como se pode ver pelo exemplo abaixo referido do antigo *riuulus Fibros* (séc. XI), conhecido hoje por *Rio do Pisão* ou *Rio do Lobo*, segundo observou o Dr. Arlindo da Cunha na nota 374 do seu citado estudo. Resulta desta tendência geral que, na potamonímia «menor», o elemento latino, e ainda mais o românico moderno, prevalece nitidamente sobre o elemento pré-romano (4), o qual predomina de maneira absoluta na potamonímia «maior» (5).

2. A pág. 78 do seu aliás sagaz e bem documentado trabalho *Estudo onomástico sobre alguns rios a Norte e Sul do Douro*, sep. do *Bol. Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XXIX, fasc. 3-4, que tem o mérito de se atacar corajosamente a problemas dos mais difíceis da toponímia peninsular. O Autor não deixa de prevenir que este grupo lexical latino se apresenta «de si já isolado no âmbito indo-europeu». Dos invocados testemunhos onomásticos da Antiguidade, aliás raros, apenas FIBRĒNUS (forma dialectal correspondente ao lat. FIBR-ĪNUS), afluente do LIRIS, no Lácio, merece ser posto em relação com o port. *Febros*.

3. Ver entre outras obras *Unsere ältesten Flussnamen*. Wiesbaden 1964.

4. Por este motivo não podemos estar de acordo com o P.^e Moreira quando, a pág. 108 do seu citado estudo, põe em dúvida a etimologia consagrada de *Riodades* <rio d'adens 'rio de patos', e prefere, seguindo ao que parece uma sugestão de J. Pokorny, admitir um protótipo pré-romano *ANATIS. O facto de a abonação medieval deste topónimo, *riuis de Aades* a. 1258, «não registar a nasal de *adem*», mal se concebe como argumento, pois o ant. *ade* vem a ser a forma que normalmente resultou do lat. ANĀTE(M), sendo *adem* uma variante secundária, com nasalção espontânea do -e final.

5. Seria, pois, condenada de antemão a absoluto insucesso qualquer tentativa que procurasse uma etimologia latina a *Tejo*, *Zêzere*, *Mondego*, *Douro*, *Minho*, etc., quer dizer todos os rios já mencionados pelos autores da Antiguidade.

Analisando, independentemente do problema de saber a que fundo linguístico pertencem, os potamónimos no ponto de vista dos motivos que presidiram à sua formação, verificaremos que uma categoria relativamente importante dos nomes em causa é constituída por designações tiradas da fauna, quer dizer de nomes de animais que costumam frequentar as águas. Antes, porém, de prosseguirmos, vejamos primeiro a situação geográfica dos rios e das povoações denominados *Febros* (6).

1. *Febros*, lugar da freguesia de Bitarães, concelho de Paredes, = + *Feveros* (*agua de ~*) a. 1121-28, Doc. Régios I, 1, p. 72.

2. *Febros*, povoação da fr. de Veatodos, conc. de Barcelos.

3. *Febro*, ou *Casal do Febro*, quinta da fr. de Ermelo, conc. de Mondim de Basto.

4. *Febros*, ribeira com cerca de 12 km de curso, que nasce a NO de Vila Verde e vai desaguar no rio Cávado, na fr. de Prado.

5. *Febros*, pequena ribeira com cerca de 1,5 km de curso, que nasce na freg. de Avintes e vai desaguar na margem esquerda do Douro, correspondendo a + *Feveros* (*riuulo ~*) a. 1117 e + *Februs* (*ribulo ~*) a. 1112, Doc. Régios I, 1, pp. 58 e 45, respectivamente, e foi dela que a povoação de *Febros*, na fr. de Avintes, conc. de Vila Nova de Gaia, tirou o seu nome.

6. *Febras*, nome de um rio, que na sua parte superior se chama de *Briteiros*, e na inferior *Rabêlo*, e que vai desaguar na margem direita do rio Ave, acima de Taipas (7).

7. + *Fibros*, + *Fibrus* (*riuulus ~*) 1081 DC p. 359 = mod. *rio do Pisão*; cf. A. de Sousa, p. 298.

6. Na constituição da lista que se segue aproveitamos, além do *Dicionário Corográfico* de Américo Costa, os dados fornecidos pelos dois citados Eruditos.

7. Devemos esta informação à gentileza do Sr. Coronel Mário Cardozo, que se refere a este curso de água na sua preciosa monografia *Ciãnia de Briteiros e Castro de Sabroso*, 5.^a ed. (1965), pág. 10. Quer parecer-nos que *Febras*, com *a*, se deve à atracção paronímica popular, exercida pelo nome comum homónimo *fêbra(s)*, caso que lembraria o de *Febres*, a que nos referimos na nota 8, onde parece ter intervindo o subst. *fêbre(s)*.

8. *Febros*, lugar da fr. de Lage, conc. de Vila Verde, = + *Feueros* a. 1059 (*in ripa de ~*), 1092 e 1093, «Liber Fidei» *riuulum* de ~, *cantum* de ~), a. 1133. Doc. Régios I, 1, p. 153, etc.

9. + *Feueros* (*ribulus*), a. 1126, nos actuais lugares Camboso/Cambosinho da fr. de S. Miguel da Carreira, limitrofes de Cambeses; cf. P.^e Avelino Costa, *Diocese de Braga*, II, p. 24.

10. + *Feueros* (*flumine* de ~), 1135, Doc. Régios, I, 2, p. 788, rio situado em terras de Aliste, prov. de Zamora.

11. + *Feueros* (*in ~*) a. 1169, demarcação de Bembribe, próximo de Vigo; cf. Doc. Régios I, 1, p. 381.

Segundo se vê por esta lista (8), provàvelmente incompleta, a área portuguesa de *Febro(s)* corresponde grosso modo aos distritos do Porto, Viana e Braga, quer dizer uma região particularmente rica em arcaísmos lexicais toponímicos, facto que tencionamos pôr em devido relevo noutro estudo. A circunstância de *Febros* ocorrer com abundância num território relativamente restricto, autoriza-nos plenamente a integrar este nome na aludida categoria histórica de antigos nomes comuns «fossilizados». Quanto à sua etimologia concreta, cremos ser impossível não reconhecer em **febros* o nome vernáculo latino do castor: FĪBER, -BRI, ou da sua variante tardia FEBER, -BRI, sinónimo do grecismo CASTOR, -ŌRIS, adoptado em época moderna como forma erudita pelo português e as outras línguas românicas: *castor*.

Cabe lembrar que o castor («*Castor fiber*», na nomenclatura zoológica) é um habitante das águas por excelência, e que, nos países de além-Pirenéus, motivou o nome de uma infinidade de rios e ribeiras (9). Embora não

8. Cremos que — no caso de a topografia respectiva o permitir — se deva incluir ainda o nome de duas terras chamadas *Alfebre*, situadas no conc. de Alcácer do Sal, uma pertencente à fr. de Sítimos, a outra na fr. de Val de Guiso. *Alfebre* representaria a forma arabizada de **febros*. Por outro lado, não se nos afigura impossível que *Febres* (ou N.^a S.^a das *Febres*), freg. do conc. de Cantanhede, se deva a uma etimologia popular que alterou a forma primitiva *Febros*. É verdade que se poderia também pensar no culto de uma Virgem, invocada contra o paludismo.

9. Quase todos os tratados gerais de toponímia, francesa (Vincent, Dauzat), alemã (Bach, Schwarz), inglesa, etc. referem-se aos nomes respectivos. Em França existem vários *Bièvres*, p. ex. nos departamentos Aisne, Ardennes e Seine et Oise.

exista, que saibamos, referência a este animal na documentação medieval portuguesa e espanhola, não pode haver dúvida que, na Antiguidade, povoava os rios, ou pelo menos certos rios, da Península, sendo o testemunho de Estrabão, acima transcrito, formal a este respeito: «Os rios da Hispânia criam castores; no entanto, o castóreo, que produzem, não é de tão boa qualidade como o castóreo do Mar Negro». (Geografia, III, 4, 15).

Tudo leva, pois, a crer que o castor, grande roedor perfeitamente adaptado à água, e hoje quase lendário, pois sobrevive, na Europa, apenas em raríssimas colónias isoladas⁽¹⁰⁾, fosse outrora habitante frequente das ribeiras minhotas, e que se extinguisse em época muito remota, o que explicaria o facto de não constar da mais antiga documentação latino-portuguesa, onde, salvo erro, não se vislumbra nenhum vestígio da sua existência. São várias as causas que se devem ter conjugado para provocar o seu tão rápido e completo desaparecimento. Referimo-nos não só ao valor excepcional da sua pele, utilizada no fabrico de chapéus e peliças⁽¹¹⁾, mas também ao valor do segregado de duas glândulas anais, o chamado *castóreo* (lat. *CASTORĒUM*), a que alude a citação de Estrabão, utilizado em medicina como calmante para estados espásmicos, e em farmácia como ingrediente valioso na preparação de perfumes. O homem deveria também perseguir o **febros* pelos estragos inevitáveis que causava no arvoredado ribeirinho⁽¹²⁾, assim como nos peixes, sua quase única alimentação, o que explica que a sua carne — que se diz saborosa — fosse admitida pela Igreja como alimentação de quaresma.

10. Segundo as mais recentes Enciclopédias, sobrevive, em colónias isoladas — se esta informação ainda tem actualidade — apenas nalgumas ilhotas do Ródano e em certos pontos do Elba, próximo de Dessau, assim como, com maior frequência, em rios e pântanos da Rússia e Sibéria.

11. O seu antigo nome em francês, *bièvre*, chegou a tornar-se, na Idade Média, sinónimo corrente de 'peliça'. Dizia-se *un chapeau de bièvre*, *une houpelande de bièvre*, etc. (Grand Larousse).

12. Roendo sistematicamente a parte inferior dos troncos das árvores, faz tombá-los para os aproveitar, e principalmente os ramos, na construção do seu abrigo e de obras de regularização das águas que o envolvem.

O lat. FĪBER não consta de nenhum dos grandes dicionários etimológicos românicos e hispânicos, o que vem realçar o interesse do *Febro(s)* português. Todas as grandes línguas europeias: românicas, germânicas e eslavas, apresentam no seu léxico, comum e toponímico, uma base indiscutivelmente celta, *BEBER (13), aparentada, no plano indo-europeu, com o lat. FĪBER/FEBER, e que se substituiu a esta forma. No que toca à Península, o espanhol conhece ou conheceu *bíbaro* e *befre* (var. *befle*), mas trata-se de formas tardiamente atestadas, em 1555 e 1606, respectivamente (14), as quais na nossa opinião não passam de adaptações de formas estrangeiras provenientes de países da área de *BEBER, em consequência do comércio da pele de castor e do castóreo (15). Em toda Espanha não vemos, com efeito, nenhum topónimo capaz de atestar a casticidade daqueles termos (16), com excepção do astur. *Febrero*, nome de um «caserío» do mun. de Laviana, o qual poderia muito bem referir-se a um lugar antigamente povoado por **febras*, pois apresenta, abstractando do género, o mesmo sufixo que o fr. *La Brevière* (Calv.) e *Beaurières* (Drôme).

Há muito que se reconheceu no celta *BEBER um tipo indo-europeu reduplicado *BHE-BHRU-S, que na sua origem vem a ser uma metáfora que quer dizer 'o de cor castanha', imagem que presidiu também à denominação do urso nas línguas germânicas (alem. *bär* etc.) e outras.

A história do lat. FĪBER, pg. **febros* (17), lembra um pouco a do *zêbro* (*zêbra*) — a quase homonímia dos dois zoónimos é evidentemente puro jogo do acaso —, quer

13. Trata-se do tema que entra no topónimo gaulês *Bibracte*, no nome de rio *Bebronna* = fr. *Beuronne*, no antropónimo *Bibar* etc.; cf. J. Pokorny *Indo-germ. etym. Wörterbuch*, p. 136.

14. Veja-se o *Diccionario etimol.-crítico castellano*, de J. Corominas.

15. Os países de exportação destes artigos deveriam encontrar-se de preferência na Europa Central.

16. Não descobrimos nenhum vestígio de topónimos espanhóis como **Hebros*, **Ebros* ou coisa parecida. Os exemplos n.ºs 10 e 11 (Zamora e Vigo) não passam de simples pontos avançados da área lexical portuguesa de *Febros*.

17. A forma portuguesa, que manifestamente se deve pronunciar com -ê- fechado, tanto pode assentar em FĪBER como na variante, arcaica e tardia, FEBER, a qual, segundo o Dicionário etimológico de Walde-Hofmann, representaria, nos dois casos, uma forma divergente independente uma da outra.

dizer do nome medieval hispânico do ónagro, ou seja o asno selvagem, cuja origem só depois de longa discussão, em que intervieram distintos etimologistas, foi finalmente desvendada graças à perspicácia do Dr. Joaquim da Silveira (18). É verdade que neste último caso não se trata, como no de **febros*, da sobrevivência de um termo latino vernáculo, mas de uma inovação vulgar latino-hispânica: *EQUÏ-FERUS = EQUUS FERUS 'cavalo selvagem', destinada a dar um nome a uma espécie desconhecida dos Romanos anteriormente à ocupação da Península. Entre os dois problemas existe ainda a diferença de o *zebro* ter sobrevivido, como animal selvagem ou domesticado, até aos fins da Idade Média (19), quer dizer quando o **febros/castor* já devia ter sucumbido definitivamente à perseguição pelo homem.

Evidentemente que o castor não podia deixar de existir, com nome pré-latino, anteriormente à romanização do NO da Península. Não repugna admitir que este nome fosse do aludido tipo celta *BEBRA, *BĒBRO, em conformidade com os idiomas e dialectos galo-românicos: fr. *bièvre*, etc. O facto de precisamente numa região profundamente celtizada e, para mais, tão periférica como a Gallaecia, se documentar, embora só indirectamente através de relictos toponímicos, um termo latino dos mais antigos e genuínos, permite avaliar o grau de penetração do latim em terras onde, segundo certas opiniões, a romanização, por ser mais tardia que em outras províncias hispânicas, teria sido menos eficaz.

Por fim, o nosso problema toca também à discutidíssima questão do pretense ermamento sistemático das

18. Veja-se o nosso estudo *Über Tiernamen in der hispanischen, insbesondere portugiesischen Toponomastik I*, in *Aufsätze zur Portugies. Kulturgeschichte*, vol. VI, 1966, pág. 175. O artigo decisivo de J. da Silveira figura na *Rev. Port. de Fil.*, vol. II, 1948, pp. 220-247. Trata-se dos EQUI SILVICOLENTES (metáfora sem dúvida poética), que constam duma famosa inscrição em versos, dedicada a Diana por um caçador romano impenitente, e que figura no *CIL II*, 2660.

19. A única reminiscência literária, tardia, de *zebro/zebra*, que seja do nosso conhecimento, figura num romance espanhol, pertencente ao ciclo de Bernardo del Carpio, na antologia: *Flor nueva de romances viejos*, de R. Menéndez Pidal, pág. 81: «Por Roncesvalles arriba / huyendo va el rey Marsín / caballero en una *cebra* / no por mengua de rocín; / la sangre que de él corria / las yerbas hace teñir».

regiões nortenhas em causa. Com efeito, não se concebe que se pudesse conservar o nome clássico latino do «*Castor fiber*» em nomes de rios e povoações, sem que houvesse continuidade efectiva do povoamento pré-islâmico, anterior, pois, à Reconquista e ao estabelecimento de núcleos de população adventícia. Existem, aliás, bastantes outras palavras características, privativas do Minho e regiões vizinhas, que se radicam numa vetusta latinidade galécia, e que não chegaram a ser integrados no léxico comum português quando este se constituiu como idioma próprio. (20)

20. A geografia do **febro* vem, pois, confirmar certas conclusões a que chegaram ultimamente, com base no léxico comum hodierno, Paiva Boléo, Lindley Cintra, Herculano de Carvalho e Orlando Ribeiro. Ver a bibliografia respectiva no estudo deste último Autor, *A propósito de áreas lexicais no território português (Algumas reflexões acerca do seu condicionamento)*, a págs. 177-205 do vol. XXI (1965) do *Bol. de Filologia*, e principalmente as referências à distinção entre «terras antigas» e «terras velhas», a p. 204.